

JUN 24

**FUNDO
PARCITAS
HEDGE
FIC FIM**
desempenho
mensal

 **MUNDO**

O mês de junho foi marcado por dados mais fracos da economia norte-americana, diversas reuniões dos bancos centrais relevantes e processos eleitorais, que adicionaram volatilidade aos mercados no México e no Parlamento Europeu.

De um lado, tivemos nova rodada de dados de atividade mais fracos do que o esperado, levando o índice de surpresas econômicas dos Estados Unidos ao menor nível desde 2022. No entanto, o dado mais relevante para os mercados foi a inflação americana medida pelo CPI, que veio substancialmente abaixo do esperado, com o núcleo (Core CPI) registrando um aumento de apenas 0,16% mês contra mês, influenciado por uma queda inesperada nos serviços de transporte.

O único dado que veio mais forte e de alguma forma assustou o mercado, no sentido de que a economia norte-americana não está se desacelerando, foi o dado de criação de empregos divulgado no início do mês, que mostrou um número substancialmente acima das expectativas. Estamos nos debruçando nos dados de emprego para entender a divergência de sinais que existem entre os dados atualmente. Para finalizar o cenário dos EUA, não poderíamos deixar de comentar a decisão do FOMC (banco central dos EUA). Mais importante do que a decisão de manter os juros em 5,25%-5,50%, foi a divulgação do SEP (expectativas dos membros do board). Nesta reunião, indicaram apenas um corte de taxa de juros para 2024, comparado a três cortes da última divulgação, além de uma leve alta na projeção da taxa de juro neutra de longo prazo.

Diante desse cenário, seguimos com a visão de que o FOMC terá oportunidade para entregar o início do processo de afrouxamento este ano, e muito possivelmente já em setembro. Dessa forma, hoje carregamos uma pequena posição aplicada em juros dos EUA e comprada em ações norte-americanas que podem seguir se beneficiando das empresas de tecnologia. Além disso, montamos uma nova posição tomada na inclinação 2x10 dos EUA que pode se beneficiar tanto de um cenário de maior incerteza fiscal/eleitoral dos EUA quanto de uma possível recessão da economia, que hoje não nos parece ser o cenário base, mas que não podemos descartar completamente.

No cenário internacional, é ainda importante destacar tanto o início do ciclo de afrouxamento monetário na Europa (cortaram 25bps a taxa de juros na reunião deste mês), quanto as eleições do Parlamento Europeu que foram marcadas pelo avanço da extrema direita e geraram como principal consequência a dissolução do parlamento francês pelo presidente Emmanuel Macron e convocação de eleições legislativas para ocorrerem nos próximos dias. Seguimos mantendo uma pequena posição aplicada em juros alemães de 10 anos.

Por fim, ainda no cenário internacional, achamos relevante destacar os resultados das eleições mexicanas em que se confirmou a candidata Claudia Sheinbaum como nova presidente. A surpresa, no entanto, foi a vitória de seu partido no congresso, que conquistou maioria e com isso gerou o temor de aprovação da reforma constitucional defendida pelo atual presidente Obrador e já defendida pela nova presidente eleita Sheinbaum. A principal consequência dessa vitória surpreendente foi a desvalorização da moeda mexicana e a adição de complexidade para os mercados latino-americanos.



No Brasil, os ativos tiveram nova rodada de piora, com exceção do Ibovespa, mesmo com a melhora dos mercados norte-americanos. O principal destaque da deterioração dos mercados foram os movimentos da moeda brasileira, que se depreciou 6,1%, e a taxa de juros, que apresentou elevação entre 60 e 80bps. Encontrar justificativas para tais movimentos virou rotina durante o mês, mas podemos destacar os discursos do presidente Lula, vistos como ruidosos pelo mercado, e os movimentos de depreciação dos ativos na América Latina, com destaque para o México, conforme comentamos anteriormente.

Em se tratando da economia brasileira, após um crescimento de 0,8% no primeiro trimestre, a economia desacelerou para 0,5% no segundo trimestre, desconsiderando os impactos da tragédia no Rio Grande do Sul (RS). Indicadores como PIM, PMC e PMS sugerem uma moderação no crescimento, mas com níveis de consumo ainda elevados e acima da tendência. Sinais de investimento permanecem positivos, especialmente na produção e importação de máquinas e no financiamento imobiliário. A tragédia do RS teve um impacto estimado de -0,3% no crescimento do segundo trimestre, mas esperamos um efeito potencialmente neutro no PIB de 2024, devido a ações fiscais e parafiscais.

No entanto, o principal foco do mercado segue sendo a elevação do risco fiscal brasileiro, com a resistência do governo em cortar despesas (recentes falas do Lula foram nessa direção), em um momento que parece cada vez mais difícil elevar a arrecadação, dada a já elevada carga tributária do país. O Congresso também não está comprometido com cortes de gastos, buscando, em média, aumentar subsídios. Apesar dos riscos, o resultado primário tem se mostrado melhor do que o esperado no início do ano, com sinalizações positivas do governo em revisar renúncias e melhorar a qualidade dos gastos.

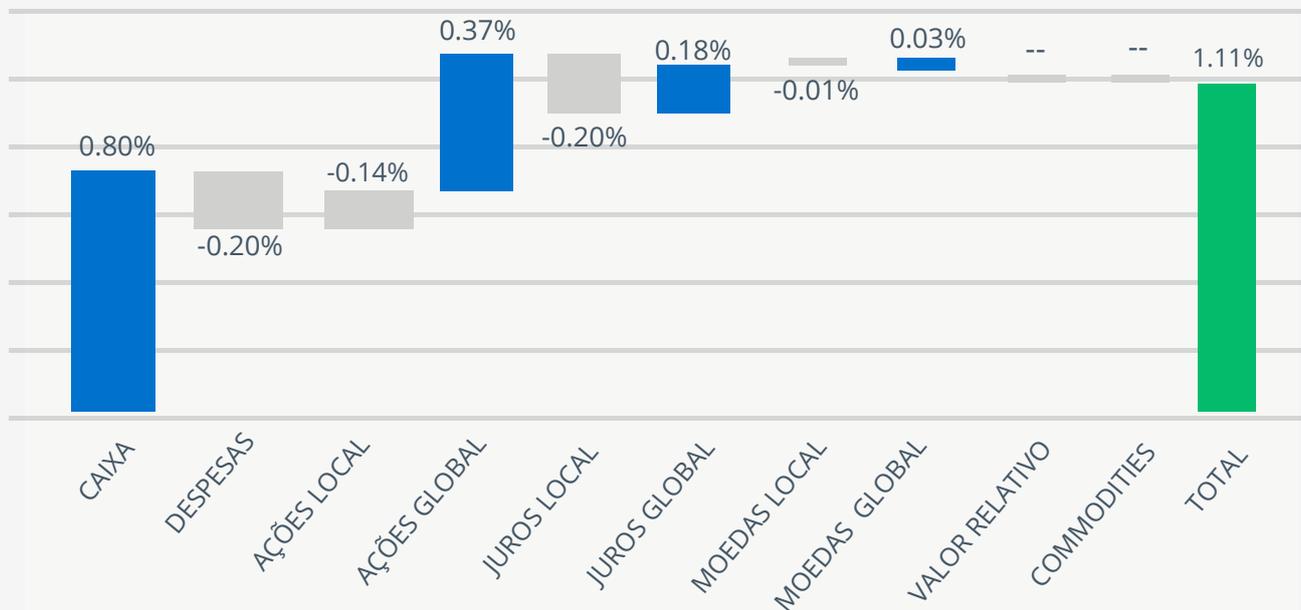
No entanto, entendemos que o mercado exagerou nos movimentos do mercado. Embora a dinâmica seja desafiadora, acreditamos que o mercado neste momento esteja dando muito mais peso para notícias negativas e desconsiderando algumas melhoras. Destacamos, do lado positivo, a decisão unânime do banco central em manter a taxa de juros, depois de todo o ruído causado pela divisão da reunião anterior, e, tão importante quanto isso, os discursos dos principais membros do Copom defendendo a perseguição da meta de inflação e preocupados com o balanço de riscos dada a depreciação cambial e maior desancoragem das expectativas de inflação.

Embora não possamos negar os claros desafios da economia brasileira, entendemos que alguns ativos se encontram com elevado prêmio de risco e, portanto, temos nos posicionado com posições mais otimistas de Brasil. Durante o mês, aumentamos a posição comprada em Ibovespa via opções, zeramos a posição comprada em Dólar e mantivemos pequena posição aplicada em juros locais. O cenário segue muito fluido e estamos acompanhando a dinâmica do mercado local para determinar os futuros movimentos do portfólio local.



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIM - Junho 2024

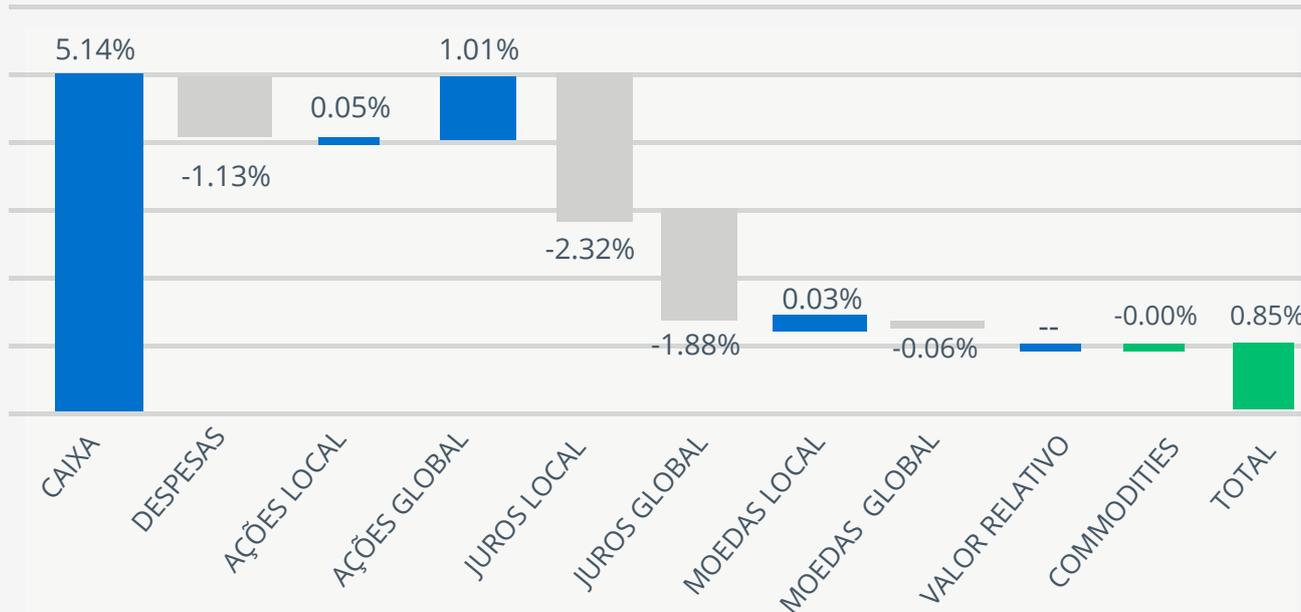


*Dados de 01/mai/2024 até 28/jun/2024



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIM - Ano 2024*



*Dados de 01/jan/2024 até 28/jun/2024

 **RETORNOS MENSAIS (%)**

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	INÍCIO
2024	0.37	-0.67	0.95	-1.72	0.83	1.11	-	-	-	-	-	-	0.85	39.90
% CDI	38	-	114	-	98	141	-	-	-	-	-	-	16	77
2023	1.80	1.52	3.15	0.66	1.78	-2.05	0.89	-0.12	-2.26	-3.17	4.85	2.52	9.67	38.72
% CDI	161	165	268	72	159	-	83	-	-	-	529	281	74	87
2022	-1.17	0.69	4.51	-2.01	0.20	0.67	2.21	-0.37	1.44	-0.61	-4.50	0.23	1.02	26.49
% CDI	-	92	489	-	19	66	214	-	134	-	-	20	8	96
2021	-0.18	0.84	1.15	1.30	0.15	1.18	-0.83	0.28	-1.30	4.25	0.35	0.08	7.39	25.21
% CDI	-	625	580	625	56	386	-	65	-	885	60	11	168	185
2020	0.56	-2.11	-11.93	5.27	4.41	1.95	2.64	2.40	-2.44	-1.51	4.15	1.40	3.60	16.60
% CDI	148	-	-	1,850	1,849	908	1,361	1,490	-	-	273	848	130	187
2019	3.01	-0.21	0.68	0.79	0.58	0.74	0.79	-0.20	1.67	1.28	-0.51	3.33	12.55	12.55
% CDI	582	-	146	152	106	158	140	-	360	266	-	884	211	211

PL: R\$ 569.3 milhões
PL: Patrimônio Líquido

PL médio (12 meses): R\$537.7 milhões

JUNHO DE 2024

+1.11%

(141% DO CDI)

12 MESES

+3.16%

(27% DO CDI)

DESDE O INÍCIO*

+39.90%

(77% DO CDI)

*02/01/2019

Aviso: Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC



+55 11 3192-9050

CONTATO@PARCITAS.COM.BR

COMERCIAL@PARCITAS.COM.BR



Acompanhe a Parcitas
nas redes sociais